

OPINIÃO

ADOLFO IGNÁCIO CALDERÓN e
VLADIMIR MARIM**Matemática: fracasso nacional**

Os resultados da 6ª edição do Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica), na área de Matemática, apresentados pela MEC e divulgados pelo O Diário na semana passada, foram catastróficos.

Esses resultados vão ao encontro de um dado do Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF): somente 23% da população brasileira pode ser considerada plenamente alfabetizada na área de matemática.

Como se fosse pouco, o Brasil é um dos países com pior desempenho em Matemática nas avaliações realizadas pelo Programa Internacional do Sistema de Avaliação (PISA).

Muitas são as explicações dadas para esse baixo desempenho e não há consenso entre os motivos desse fracasso.

Enquanto pais creditam aos professores a responsabilidade do insucesso de seus filhos, professores alegam: a má preparação dos alunos nos anos anteriores, o fato dos alunos não se esforçarem nem prestarem atenção às aulas, a ausência de incentivos das famílias no acompanhamento das lições de casa, entre outros motivos.

Reorientar o ensino da Matemática, de modo a torná-lo uma experiência escolar de sucesso, é o grande desafio. Isso pressupõe uma intervenção nos mais diversos níveis da educação formal e não formal, da Educação Infantil à Educação Superior, passando pela Educação de Jovens e Adultos.

Sob esse ponto de vista, torna-se necessário construir uma visão hegemônica que conceba a Matemática como uma ciência em permanente evolução, que procura responder aos grandes problemas de cada época.

Primar pela qualidade educacional perpassa por estimular mudanças das práticas pedagógicas reproduzidas nas escolas. Pesquisas demonstram que os professores da Educação Básica, a maior parte sem formação Matemática específica, acabam reproduzindo a forma como

foram alfabetizados nessa área, com os mesmos erros e vícios, criando resistências para rever seus conceitos.

Se a alfabetização matemática do pedagogo responsável pelas crianças das séries iniciais foi infeliz, não significa que seus alunos também devam ser condenados a ter esta experiência.

Um primeiro passo importante é criar condições para que os professores analisem, reflitam sobre a sua prática e tenham consciência das fragilidades de sua formação inicial.

Trata-se de quebrar o paradigma da disciplina chata, incompreensível e sem utilidade na vida do ser humano. A tendência educacional é investir na chamada formação continuada dos professores, na escola ou fora dela, visando estimular práticas que se institucionalizem e gerem propostas inovadoras.

Repensar as ações, estratégias e metodologias está no cerne do exercício da função docente.

O curso de graduação na área de pedagogia é apenas a base inicial, necessária, mas insuficiente para enfrentar os desafios do ensino e da aprendizagem.

As grandes escolas particulares contratam empresas de consultoria na área de Matemática, com as mais avançadas tecnologias educacionais. O poder público não se pode omitir nem abandonar a educação. A formação continuada não se restringe a encontros esporádicos e desarticulados, o professor precisa de um acompanhamento contínuo e permanente em sua prática. O acesso ao ensino de Matemática com qualidade não pode ser um privilégio.

Adolfo Ignácio Calderón é doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP; coordenador do Núcleo de Ciências Sociais Aplicadas da UMC. calderon@umc.br; e **Vladimir Marim** mestre em Educação pela PUC-SP; professor do curso de Pedagogia da UMC e Pesquisador do *Mathema*. miarr@terra.com.br